



SOBRE ÓCIO ESTÉTICO: POSSIBILIDADES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE FOTOGRAFAR

José Júlio Martins Tôrres*

José Clerton de Oliveira Martins**

Bruno Pontual de Lemos Castro***

Resumo: O objetivo desta investigação é levantar dados que indiquem a possibilidade de experiência de ócio estético na vivência de experiências nos processos de fotografar a partir de relatos de um fotógrafo experiente. Este trabalho resulta de uma investigação qualitativa, exploratória e descritiva a partir de um estudo de caso sobre as vivências de um fotógrafo, tendo como referenciais teóricos o ócio estético e a fotografia. Um diálogo entre os enfoques do ócio estético e da fotografia permitiu inferir que as experiências vivenciadas nos processos de fotografar ampliam as possibilidades de experiências de ócio estético. No caso específico do sujeito investigado, as vivências mais intensas de experiências nos processos de fotografar se apresentaram como de contemplação e de atitude de criação tomando a beleza como horizonte, o que ensejou grande prazer de fruição.

Palavras-chave: Estudo de caso. Estética. Experiência. Fotografia. Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

O sujeito desta investigação descobriu o prazer de fotografar em uma viagem aos Estados Unidos em 1966. Ficou tão encantado com a fotografia que, quatro anos depois, voltou àquele país para fazer mestrado em Fotografia, pensando que, depois de terminar o curso, iria radicar-se em São Paulo e ser um astro da fotografia nacional. Terminado o programa de pós-graduação, passou um ano viajando pela Europa antes de retornar ao Ceará. Nesse

* Doutor em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Professor adjunto do Centro de Ciências Tecnológicas (CCT), da Universidade de Fortaleza (Unifor). *E-mail:* jjmtorres@gmail.com

** Doutor em Psicologia pela Universitat de Barcelona (Espanha). Professor titular do programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor). Coordenador do laboratório de estudos sobre ócio, trabalho e tempo livre – OTIUM. *E-mail:* jclertonmartins@gmail.com

*** Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Membro do laboratório de estudos sobre ócio, trabalho e tempo livre – OTIUM. *E-mail:* pontualbruno@gmail.com

entretanto, além de conhecer o velho continente, seu interesse principal era fotografar. Visitou 12 países e fez cerca de 8.000 fotos, sempre viajando de carona, além de fazer alguns percursos a pé. Influenciado pela contracultura que se instalara nos Estados Unidos na época e pelo que vivenciou nessas jornadas, voltou para o Ceará onde passou a exercer seu ofício, priorizando sempre a estética, o amor à natureza e a qualidade de vida. O que o fez mudar de ideia? Que significados ele gerou para sua vida a partir das experiências vivenciadas nos processos de fotografar?

Nesse âmbito, o objetivo da investigação foi levantar dados teóricos e práticos que pudessem indicar a possibilidade de experiência de ócio estético na vivência de aprendizados nos processos de fotografar. Assim, se constituem objeto desta investigação as experiências vivenciadas nos processos de fotografar por um profissional experiente e cujo trabalho é reconhecido nacionalmente.

Este trabalho é um recorte da Tese de Doutorado de José Júlio Martins Tôres (2014), que aborda a experiência de fotografar sob a perspectiva da teoria da complexidade a partir da qual se realizou um estudo de caso com a experiência de um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

Acerca da experiência de ócio estético, em primeiro lugar, é necessário definir o que tratamos como ócio. O conceito de ócio, para Manuel Cuenca Cabeza (2014), se diferencia entre as práticas de ócio, salientadas a partir de atividades de diversão e entretenimento, que podemos associar ao lazer, e o conceito de ócio autotélico. Este último expressa tudo o que realizamos de um modo livre, com um fim em si mesmo e que traz a sensação de gratificação para quem o realiza. Para Cabeza (2014, p. 24) o conceito de ócio evoluiu gradativamente nos estudos sobre o tema para o conceito de ócio humanista, que inclui os referenciais políticos de identidade, superação e justiça e trata o termo a partir da sua centralidade no desenvolvimento da pessoa e do ser humano com o seu entorno social e comunitário. Em seguida o autor denota a evolução para o conceito de ócio valioso, que foca especificamente no desenvolvimento pessoal do sujeito, dependendo da percepção, dos valores e potencialidades relacionados à experiência individual.

Já a estética é definida por Alexander Gottlieb Baumgarten (1993) como a ciência do conhecimento sensitivo que teria como finalidade a perfeição do conhecimento sensitivo, representada a partir da beleza. Esse conhecimento sensitivo, para o autor, representa tanto o estado da alma quanto o estado do corpo.

Para Maria Luisa Amigo Fernández de Arroyabe (2010), estética é experiência e conhecimento sensitivo, sendo a cultura da estética o único caminho que o homem pode seguir a fim de passar da vida sensível para a racional, mantendo um vínculo harmonioso entre as duas. Considera-se, também, que, ao relacionar ócio com estética, Arroyabe (2008) destaca o conceito de experiência como o ponto central tanto do pensamento estético como da reflexão sobre o ócio.

Sobre esse conceito, Jorge Larrosa Bondía (2002) exprime que ele provém do radical indo-europeu *per*, que o relaciona com o conceito de travessia, de prova e também com a dimensão de perigo. Ele afirma que o sujeito da experiência é um sujeito de abertura e disponibilidade e que, por conseguinte, se expõe ao diferente, se deixa afetar. O conceito de experiência, em sua concepção, relaciona-se com o que se passa, o que acontece com o sujeito e que o toca. É dessa forma um sujeito passional, que se abre à transformação.

Esse processo complexo envolvendo o participante, aquilo que é experimentado e a relação que os envolve corresponde ao que Mihalyi Csikszentmihalyi (2005) define como experiência de fluxo que, quando reúne as características enunciadas por Cabeza (2004) – livre, satisfatória e autotélica – pode configurar o que se chama uma experiência de ócio.

Nessa perspectiva, Arroyabe (2008) destaca que, na experiência de ócio, a atitude é essencial para precisar o conceito, pois vivenciar o ócio depende da atitude do sujeito ante os acontecimentos, vinculando claramente a experiência de ócio à criatividade e à liberdade.

Portanto, ócio e estética convergem na experiência e na atitude, que constituem o marco geral das características da experiência de ócio estético. Assim, para Afonso López Quintás (1992) na experiência de ócio estético ocorre interação de âmbitos de realidades envolvendo pessoas que vivenciam suas experiências, tendo a beleza como horizonte. A experiência de ócio estético convoca a relação entre ócio e estética na interação sensível de um ser humano com a realidade. Assim, a pessoa exercita a liberdade para a tomada de atitudes e o exercício da criatividade perante o belo que a emociona. Na compreensão de Arroyabe (2009), a experiência de ócio estético é criadora e transformadora da vida, por ensejar estados de harmonia, satisfação e de fruição.

Ante tal perspectiva, pôde-se interpretar a ideia de que o campo da experiência de ócio estético está circunscrito à contemplação receptora e criadora de um sujeito, na qual se destacam as notas caracterizadoras do ócio, sendo possível resumi-las ao menos em: "voluntariedade, liberdade de escolha e autotelismo". (ARROYABE, 2008, p. 116). Destacou, ainda, que é o privilégio que se dá ao ponto de vista estético na relação com a realidade que marca essa experiência como de ócio estético. Amparado nessa relação, o sujeito toma a atitude de praticar a contemplação desinteressada, exercitando a sensibilidade para apreciar a beleza e alcançar o entendimento e a fruição do que se caracteriza como experiência de ócio estético.

Assim, a delimitação entre o estético e o não estético é influenciada pela perspectiva criadora do sujeito, impulsionado por descobrir algo que é belo. (SONTAG, 2004). No caso da fotografia, o sujeito, desde sua atitude e intencionalidade, modifica a experiência, captura-a, combinando-a com a beleza. Isso porque, conforme Arroyabe (2008) esclarece, é na experiência de ócio estético que se destaca a singularidade, a individualidade e a liberdade da pessoa.

Para Sontag (2004), quando se faz a foto, captura-se a experiência, servindo a câmera como um braço ideal da consciência. Consoante López Quintás (1992), como em todo jogo autêntico, o jogo estético, além de imitar o real, cria novos âmbitos e produz novos sentidos.

É assim que, no ato de retratar uma pessoa, a arte, além de reproduzir a figura externa de uma pessoa, dá corpo sensível ao campo de realidade que a abrange, pois "à medida que se criam âmbitos sobre a base de realidades já existentes que se misturam, a realidade ganha em riqueza e em complexidade" (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 19). Essa mistura, entretanto, origina outro âmbito de realidade, sem destruir os âmbitos de realidade originais, como esclarece López Quintás (1992, p. 135):

O prodigioso é que as realidades ambitais, devido a seu modo especial de espaço-temporalidade, não se fusionam ao se entremisturar, não sugam espaço uma da outra, não se reduzem ao mesmo espaço; formam um âmbito novo sem anular seus âmbitos próprios. A união de entremistura ambital não é fusão, mas integração.

Uma fotografia é a imagem não apenas de um objeto ou de um evento, mas também um novo âmbito de realidade que mostra o relacionamento de um sujeito com âmbitos de realidade durante uma contemplação (LÓPEZ QUINTÁS, 1992). E essa imagem pode ser contemplada pelo próprio fotógrafo e/ou por outros sujeitos, possibilitando o surgimento de novas experiências de contemplação semelhantes à original, bem como de novos âmbitos de realidade, em um processo recursivo de contemplação-criação-contemplação.

Como ensina López Quintás (2010), a arte verdadeira não apenas reproduz figuras, mas também plasma âmbitos desde o entrelaçamento de diversas realidades. Assim, um objeto contemplado não é um mero objeto, mas sim um âmbito de realidade, bem como uma pessoa não é apenas uma pessoa, mas ela em um contexto. Essa característica de âmbito de realidade gera permeabilidade dos limites nas realidades, ensejando formar outros âmbitos de realidade. Portanto, uma fotografia registrada carrega consigo todo um âmbito de realidade do fenômeno que lhe corresponde e toda uma história, desde o lugar e o momento até a história de todos os componentes e personagens que aparecem na fotografia, além de realidades do fotógrafo.

Assim, neste estudo supõe-se que a possibilidade das práticas vivenciadas por esse fotógrafo nos processos de fotografar se caracterizam como experiências de ócio estético, com a consequente fruição em tais experiências contribuindo para uma satisfatória qualidade de vida.

MÉTODO

O presente trabalho se orienta por uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, pois busca analisar aspectos processuais, singulares e profundos inerentes às relações e construções humanas significativas (TURATO, 2005).

A partir disso, denotamos que o presente trabalho se configura como um estudo de caso originário da tese "Significados da experiência de fotografar sob a perspectiva da teoria da complexidade" de Tôrres (2014), sistematizando as possibilidades de ócio estético encontradas em um dos participantes da pesquisa. Essa temática apareceu como pano de fundo da tese citada, pois foi um assunto que necessitou ser abordado para alcançar o objetivo original do trabalho: identificar os significados que os fotógrafos atribuem às suas experiências no processo de fotografar. Assim, entendeu-se que falas, textos e fotografias produzidos por esse fotógrafo se reportaram a significados específicos da experiência de ócio estético.

Desse modo, tais aspectos se mostraram relevantes para maior aprofundamento de suas experiências de fotografar e à realização de um estudo de caso sobre ele. Esse tipo de estudo se qualifica por uma busca intensiva de dados a respeito de uma situação ou evento particular, com fins de descrever pormenorizadamente pela singularidade extraordinária e específica que torna esse caso interessante (CHIZZOTI, 2006).

O método de coleta de dados partiu da entrevista narrativa. Esta, segundo Sandra Jovchevitch e Martin Bauer (2002) busca criar uma situação que estimule o entrevistado a reconstruir acontecimentos sociais a partir de sua perspectiva. As perguntas norteadoras destas narrativas foram: Que experiências nos processos de fotografar você destaca na sua vida? Quais componentes e seus significados que, em sua opinião, afetaram suas experiências nos processos de fotografar? Quais as repercussões que as experiências nos processos de fotografar tiveram na sua vida?

Nesse sentido, os dados coletados na pesquisa inicial foram aproveitados buscando seguir os parâmetros para análise de um estudo de caso explanatório, delineados por Robert K. Yin (2001). A partir disso, foi estipulada uma série de elos de relação entre a associação das experiências do fotógrafo em questão com as características de uma experiência de ócio estético conforme as características evidenciadas por Arroyabe (2008). Para maior riqueza das relações, muitos dos relatos da prática de fotografia foram transcritos em sua íntegra e algumas situações relativas a eles foram descritas com maior precisão. Com o objetivo de complementar essas descrições, as fotos retiradas pelo participante da pesquisa foram utilizadas com a sua anuência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, apresentaremos uma imagem que participou de exposição coletiva mundial, organizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1988 (a foto que se segue foi escolhida para representar a cidade de Veneza).

Figura 1 Veneza



Fonte: Albano (2009, p. 44).

Essa foto rodou já um bocado... Ela foi para uma exposição da ONU sobre as áreas de patrimônio cultural da humanidade. Uma exposição fotográfica mundial sobre esse assunto: as áreas do patrimônio cultural da humanidade. Veneza, foi essa foto que entrou. Lançaram a solicitação para os fotógrafos, com o roteiro, para que eles mandassem fotos dessas áreas. E eu mandei. Eu não me lembro muito da... do antes e do depois dessa foto. Lembro que estava fotografando o espaço, a luz era bonita, uma contraluz iluminando a água, aí o barco vem, e quando o barco para, a mulher desembarca e eu bato a foto. Mas só depois fui analisar por que ela é uma foto redonda. Quando digo redonda, é assim, tudo resolvido, nada destoando. E é aquela história das linhas que convergem, os parênteses que fecham, esse cara está virado para lá, esse para lá, a mulher está no centro da fotografia, a cabeça dela está no centro do retângulo... enfim, tudo contribui... está tudo amarrado. É raro fazer uma foto dessa. É difícil. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).¹

A fala do fotógrafo sobre a fotografia da Figura 1 mostra o seu conhecimento e interesse pela estética fotográfica e como ele se entrega sensivelmente na vivência da experiência nos processos de fotografar. Só depois é que vai analisar racionalmente o que fez.

1 - Todos os trechos da entrevista reproduzida no texto foram extraídos da tese de doutorado de José Júlio Martins Tôrres (2014).

Amante da natureza, o sujeito da pesquisa construiu sua casa-estúdio em um bosque, de forma que ficou totalmente inserida na natureza do local, como se visualiza na Figura 2.

Figura 2 Casa-estúdio



Fonte: Albano (2009, p. 80-81).

O fotógrafo explica a razão de ter escolhido essa localização para morar:

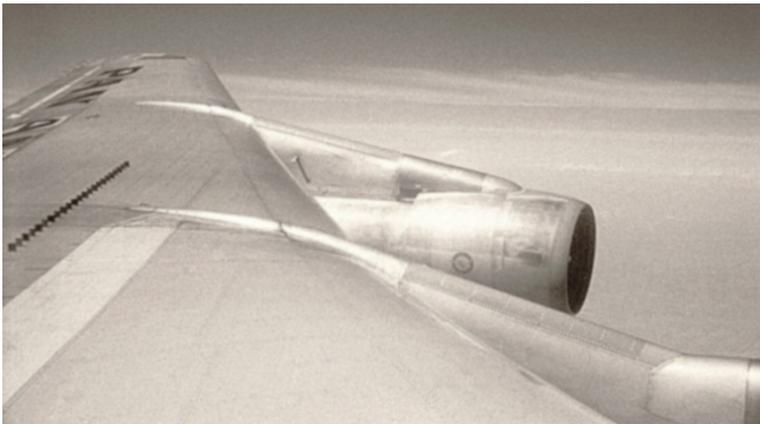
Esse terreno tem pouco mais de 5.000 m². É uma... na realidade é uma quadra de formato irregular... geralmente as quadras são 100x100... essa era de 75 de frente por 125 de fundo. E o cara só vendia se fosse a quadra inteira. Ai, depois, eu construí essa casa aqui para ser meu estúdio fotográfico. Depois de pesquisar casa de taipa...Tinha um vizinho lá do outro lado, do lado de cá era tudo deserto. Tinha uma estrada de terra até a praia. Não tinha nada nessa estrada. Nada, nada, nada. A gente ia para a praia, tomava banho pelado, era uma liberdade plena. Não tinha nada. Isso em 1975. Imagina. E não tinha telefone. Eu queria um local sossegado e esteticamente bem resolvido onde eu pudesse integrar a minha vida com o meu trabalho. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

Pelo fato de se perceber que o sujeito desta investigação é amante da natureza, um assíduo contemplador e criador na arte de fotografar, indica-se a experiência de criar imagens por meio da fotografia como possibilidade de ócio criador pois, conforme Viktor Salis (2004), o ócio criador celebra e consolida a vida e tem como finalidade ensinar os homens a imitar os deuses – no papel de criar a vida – por meio da existência criativa em que a vida é celebrada, consolidada e enriquecida. É uma clara referência à utilização de estudos das tradições e mitos das antigas civilizações gregas, egípcias e judaico-cristãs, buscando constituir relações com a experiência de ócio, principalmente aproximá-la do ideal helênico que, segundo Salis (2004, p. 42), é de formar "homem obra de arte, ético e criador."

Neste estudo, destacam-se experiências vivenciadas nos processos de fotografar reveladas pelo sujeito da investigação nas quais se identificaram componentes que mais afetaram tais experiências.

O trecho de narrativa a seguir destaca a práxis fotográfica, mostrando como o sujeito participante da pesquisa se sente bem ao vivenciar a experiência nos processos de fotografar, em particular, no ato fotográfico em si. Sente-se num estado de mente muito agradável, pelo simples fato de estar fotografando, não importando lugar e circunstância. Ao relatar isso, expressa o prazer e a emoção que sentiu ao vivenciar a experiência presente na Figura 3.

Figura 3 Asa de avião



Fonte: Albano (2009, p. 7).

Na primeira vez que viajei de avião, na asa do avião eu descobri a fascinação de eternizar um momento, frear aquele segmento da vida que eu estava vivenciando ali. E na viagem à Europa fiquei completamente fascinado com a experiência de estar lá, totalmente pirado. E realmente eu fotografei tudo o que eu quis, sem limites. Foi uma experiência incrível. Além de estar ligado em tudo o que é diferente, e até no semelhante, então a cabeça fica a mil, você fica atento. Cada dia era um delírio, vamos dizer assim. Tudo eu vivenciava, vivenciei a fotografia sem limites. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

Entende-se que a experiência nos processos de fotografar pode ser possibilidade de experiência de ócio, uma vez que o componente práxis fotográfica promove oportunidades de fascinação, eternização de momentos que se tornam vivências incríveis, envolvendo não só a atividade, mas também atitudes interiores relacionadas ao conhecimento sensível de que trata a estética, como emoção, curiosidade, atenção e, até mesmo, delírio.

Com relação a esse tipo de situação satisfatória vivenciada pelo sujeito, Cabeza (2008) preconiza que uma característica que diferencia a experiência de ócio das demais experiências é a satisfação pessoal que ela proporciona.

No concernente à experiência de ócio, Jonh Neulinger (1981) indicou esse fenômeno como um estado da mente, uma forma de o sujeito estar em paz consigo e com o que faz. Csikszentmihalyi (2005), por sua vez, denominou de "experiência ótima" ou "experiência de fluxo" cuja fruição os sujeitos descrevem de forma semelhantemente prazerosa, não importando cultura, grau de modernização, classe social, idade ou sexo de quem a vivencia. Nesse sentido, constata-se que foi relatado exatamente o que Csikszentmihalyi (2005) chama de "experiência de fluxo", que corresponde ao ócio autotélico (CABEZA, 2004).

O próximo trecho destaca a importância do componente lugar para a vivência da experiência nos processos de fotografar, destacando, principalmente, aspectos relacionados com a estética do lugar, que desencadeia uma riqueza de sensações.

Na viagem à Europa, em termos de fotografia, eu me dei a seguinte pauta: vivenciar a busca do que é característico de cada país. O que parece bastante espanhol pra mim, é isso? Então, vamos fotografar isso. Isso chegava em nível de arquitetura, da cara do povo e até de vegetação. Uma vegetação espanhola, que parece espanhola. Isso, pra um fotógrafo, é excitante, você definir os padrões que definem esse país. Em Portugal eu me lembro de uma experiência: andando numa ruelazinha, numa cidade pequena, com a câmera, e a pessoa pergunta: "Mas o que estás a buscar?" "Estou a buscar o que é a essência desse lugar"... Aí descobri as chaminés... Havia um padrão no desenho das chaminés. Aí, eu dizia: "Bom, esse lugar aqui, pra mim, está marcado por essas chaminés"... E pelas pessoas de preto... Todo dia era uma enxurrada de imagens. Na Grécia, foi a luz mais mágica que eu vi na Europa inteira... não sei dizer porquê... que condições climáticas, ou era a época do ano, ou... não sei que condições davam uma luz fenomenalmente atraente e bonita pra Grécia. Depois, percorri a Itália toda, de cima a baixo... Para chegar a Roma, pra mim, foi um longo preparo. Preparo de encontrar ruínas romanas e evidências das passagens dos romanos nos países que eu ia visitando: França, Espanha, Portugal... Aí, à medida que eu ia me aproximando de Roma, o Império Romano, ou o que restou dele, era como se fosse um convite pra eu chegar ao centro da coisa. Quando cheguei ao centro: "Poxa, finalmente estou em Roma". Todas as estradas levam a Roma. Vivenciei isso. Vivenciei também o encantamento pelo Mar Mediterrâneo. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

Quanto à experiência de ócio, Cabeza (2008) sustenta que, por ser humana, deve-se considerar a importância de elementos objetivos, como o lugar, que facilita a vivência das experiências. Cabeza (2004) também aponta que uma das cinco dimensões fundamentais do ócio autotélico é a dimensão ambiental-ecológica relacionada ao contexto em que essa dimensão tem núcleo. Relaciona-se tanto com o entorno físico, social, cultural e comunitário como com a natureza, ou se vincula ao lugar, ambiente onde a experiência é vivenciada.

Então, na compreensão do sujeito da investigação, seu interesse é encontrar os aspectos estéticos do lugar, buscando o que é característico e apresenta padrões que definem o local, buscando a sua essência, vivenciando o seu encantamento.

No trecho seguinte o sujeito destaca o componente tempo, evidenciando sua importância para a vivência das experiências nos processos de fotografar.

Eu persigo, ainda, no meu trabalho, como procuro no dos colegas, uma qualidade que eu chamaria de "permanência", uma qualidade que ajuda uma fotografia a vencer o teste do tempo, não se tornando cansativa ou banal como frequentemente acontece com imagens que são fruto de um modismo passageiro. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

Consoante a intelecção de José Clerton de Oliveira Martins (2013), mesmo a vivência de ócio não sendo dependente do tempo, ele afeta a forma de vivenciá-la. Então, no caso de experiências vivenciadas por fotógrafos, em especial, as fotografias podem vir a ter outro valor com o passar do tempo e com a história do que aconteceu, ao longo desse tempo, com as pessoas, os objetos e os ambientes fotografados.

O sujeito da investigação procura desenvolver uma relação com o tempo, no sentido de propiciar uma qualidade de permanência para a imagem, fazendo-a vencer o teste do tempo. Pensa-se, desde a poder inferir a ideia de que é com suporte nos aspectos estéticos que o fotógrafo consegue essa qualidade de permanência para as fotos. Na reprodução da fala seguinte, o sujeito da investigação mostra a estética como componente relacionado à experiência vivenciada nos processos de fotografar.

Fotógrafo, pra mim, é antes de tudo um esteta, entusiasmado com o visual da coisa... Já, dos seres humanos me interessam mais as crianças, que são mais fotogênicas, mais bonitas e mais espontâneas, frente à câmera... No ser humano, a coisa mais importante é o rosto. E, dos seres humanos, a criança é a mais interessante de fotografar. Em minha opinião, fotografar o rosto de criança é o ápice da fotografia, o máximo que a fotografia tem a oferecer. Eu vou atrás também do design do rosto; o que esses rostos me dizem sobre a origem desses povos... É como se esse padrão já morasse na sua cabeça. O que você faz é reconhecer e registrar. O que almejo é que a minha fotografia seja a mais parecida possível com a vida, com o melhor que a vida tem a mostrar. Poderia resumir dizendo que, nas minhas fotos, procuro sempre fazer o casamento entre a realidade e a beleza. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

Referindo-se essa questão, leda Rhoden (2008, p. 63) destaca que "a experiência de ócio pode beneficiar o homem [...] no desenvolvimento da percepção estética e da sensibilidade". Em termos de Estética, para o sujeito da investigação.

Fotografar significa identificar padrões estéticos, fazendo um casamento da realidade com a beleza que, em referência àquilo que se denomina de experiência de ócio estético, pode ser traduzido por: atenção ao *design*, entusiasmo com o visual, magia que o atrai para o belo, reconhecimento de padrões de estética e contemplação que excitam o fotógrafo. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

A fotografia faz o sujeito despertar para a sensibilidade da contemplação do belo e que isso pode ser desenvolvido pelo exercício do olhar durante as suas experiências nos processos de fotografar. E ter sensibilidade visual implica captar diferenças e detalhes (ARROYABE, 2000), por isso que fotógrafos com essa sensibilidade estética conseguem observar e registrar o belo que passa despercebido para outras pessoas. Para Arroyabe (2008), o que distingue o ócio estético é que a relação do sujeito com a realidade que o sensibiliza tem como marco a beleza.

Esse exercício do olhar que os fotógrafos praticam repetidamente nas experiências nos processos de fotografar faz com que passem a ter um olhar profundo e acurado. Para López Quintás (1977), "a um olhar profundo nada é banal quando responde a um processo criador de inter-relações, pois os âmbitos de interação se convertem em campos de luz: Luz de compreensão e esplendor de beleza".

O exercício aumenta a capacidade de criatividade do sujeito, visto que "toda forma de experiência estética, para ser estética, deve implicar atitudes e atos de criação e re-criação" (LÓPEZ QUINTÁS, 1977, p. 17, tradução nossa).

Estética é um componente inerente à arte da fotografia, o que influencia intensamente as experiências nos processos de fotografar, favorecendo a vivência daquelas que indicam características semelhantes às de ócio estético.

Em outro trecho da entrevista, o fotógrafo refere-se à atitude como componente, mostrando não só a sua importância durante a vivência da experiência, mas, também, das atitudes tomadas na vida desde essa vivência.

Fiquei doido porque queria fazer só a fotografia, mergulhar nisso. Ai, eu disse: Agora vou ser fotógrafo... E mudou tudo. Eu quis ser fotógrafo. Então, a primeira coisa foi comprar minha própria câmera. Fiquei doido... turbinado. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

Com relação à atitude, Cabeza (2004, p. 38, tradução nossa) assinala que "o ócio autotético é uma importante experiência vital, um âmbito de desenvolvimento humano que parte de uma atitude positiva que induz à ação". Destaca, ainda que "o ócio é um âmbito de experiência humana determinado pela atitude com a qual se executa uma ação" (CABEZA, 2004, p. 30, tradução nossa).

Referindo-se à atitude, Arroyabe (2008) a evidencia como delimitadora da experiência estética do âmbito das demais, ressaltando que vivenciar o ócio também depende da atitude que o sujeito adota na contingência dos acontecimentos.

Com relação à atitude como componente, o sujeito da pesquisa mergulha no que está fazendo e também muda de atitude desde o que foi vivenciado e registrado pela experiência.

A atitude pode desencadear uma experiência, bem como uma experiência pode proporcionar uma tomada de atitude. Trata-se de componente-chave, tanto na experiência de ócio como na estética, portanto, na experiência de ócio estético.

A análise do relato seguinte possibilita indicar que a ideia da sociabilidade, a importância do ser humano, a interação com ele com suporte na comunicação e o partilhar da experiência com outras pessoas, permite acreditar que a arte fotográfica pode ser vivida como uma experiência de ócio quando a sua finalidade está em si mesma, proporcionando uma contemplação que também possibilite semelhante ação subjetiva a outras pessoas.

Fotografar é poder também partilhar com outras pessoas. Sou alucinado pelo ser humano, que é o que mais me interessa na vida. Com quem eu posso interagir é com os seres humanos, não é com a árvore, com a montanha, com o rio. Na realidade, a minha grande preocupação na edição é fazer com que o público leitor, do outro lado da fotografia, possa ter uma ideia simples, fácil de entender. É para que a pessoa, que esteja folheando a revista distraidamente, seja chamada à atenção e, rapidamente, capte a mensagem, sem muita complicação... com o máximo de clareza do que você está dizendo. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

Quanto ao aspecto da sociabilidade, Arroyabe (2010) destaca que a experiência de ócio estético é uma vivência que torna as pessoas abertas aos outros e pode levá-las à consciência daquilo que compartilham com os outros seres humanos. Referindo-se, também, a esse mesmo tema, López Quintás (2010) sustenta que se o ser humano quer realizar-se como pessoa, ele tem de criar formas de encontro fundando modos valiosos de unidade com as realidades do entorno pois esses encontros são âmbitos de interação que nutrem toda criação autêntica. O autor explica que "toda obra autêntica é fruto de um encontro de seu autor com uma série de realidades e acontecimentos que confluem para constituir um mundo especial, uma mentalidade, um modo de orientar a vida". (LÓPEZ QUINTÁS, 2010, p. 259).

No que diz respeito à sociabilidade, o sujeito da investigação compartilha com as pessoas, interage procurando o máximo de clareza no que está comunicando e cria novos âmbitos de realidade, uma característica da experiência estética (LÓPEZ QUINTÁS, 1992).

Como pode ser observado na fala seguinte, a arte de fotografar requer aprendizagem, e o sujeito da investigação se preocupa com a técnica e a estética.

Eu lia revistas pra aprender técnicas... aprendi que tinha que ter rebatedor. O ideal seria o sol não bater no rosto, mas lateral ou por trás, dava um halo de luz no cabelo, e o rosto na sombra era preenchido com o rebatedor, e tudo isso nós aprendemos na prática. (Reprodução da fala do fotógrafo para a pesquisa).

No caso específico, o sujeito da pesquisa foi fazer mestrado porque gostava de fotografia e queria aprimorar a sua técnica e o seu olhar. A preocupação do fotógrafo com a técnica e com a estética se assemelha com características do *serious leisure*, na qual, segundo Robert Stebbins (2014), uma atividade considerada por muitos como hobby é exercida com seriedade, comprometimento e zelo e é vista por essas pessoas como gratificante, propiciando um sentimento de realização, pertencimento e aumentando a autoestima.

A respeito da relação entre conhecimento e experiência de ócio, Cabeza (2008) destaca que, quanto maior o conhecimento maior será a capacidade de compreensão e satisfação na vivência da mencionada experiência.

A aprendizagem é forma de estar preparado para os desafios da vida. Sobre isso, Maria Manuel Baptista (2013, p. 180) assevera que "o modo ocioso de viver é um desafio à nossa existência, que requer preparação, esforço e dedicação", e que "todos deveremos ter as condições educativas e culturais que nos aproximem mais da humanidade do ser humano, o que só é possível sob a condição de um tempo vivido em pleno ócio".

Na reprodução da fala que segue, identifica-se o componente da motivação mostrando que a experiência nos processos de fotografar é impulsionadora.

Depois da primeira viagem aos Estados Unidos, voltei pra casa, no fim de seis semanas, trazendo umas 600 fotografias que fizeram enorme sucesso. Fiquei totalmente turbinado, alucinado, querendo fotografar mais e mais. Foi a abertura, o início da fotografia para mim. (Reprodução da fala do fotógrafo para a pesquisa).

A respeito de motivação, Neulinger (1981) destaca-a como a segunda dimensão, depois da liberdade, para distinguir ócio de não ócio. A motivação não é expressa apenas por conta de um projeto do qual se participa, mas, principalmente, em razão da vivência da experiência, e quanto mais se vivencia seu exercício, mais motivado se fica. A fotografia parece ter uma força que impulsiona as pessoas a fazerem as coisas. E os processos de fotografar, principalmente por conta da relação com a experiência estética, parecem ser automotivadores.

Ao dizer "quando estou fotografando, especialmente criança, eu me desligo do mundo", o fotógrafo entrevistado sugere que esse desligar-se do mundo é como entrar em contemplação, um dos traços da experiência de ócio estético (ARROYABE, 2008). E na inteligência de Frederic Munné (1990) ócio é um estado de paz e de contemplação criadora que toma o espírito.

O excerto "entendo que muito da fotografia é subjetivo, depende das minhas escolhas pessoais, de equipamento, controle de luz, enquadramento, ponto de vista, momento do *click*" (reprodução da fala do fotógrafo para a pesquisa), exprime a importância da subjetividade como componente da experiência nos processos de fotografar, possibilitando exprimir o seu ponto de vista nas fotos.

No que concerne à experiência de ócio, Cabeza (2004) destaca que uma das suas notas características é o cunho subjetivo, porquanto se relaciona à percepção do sujeito. Já na perspectiva de Martins (2013), o ócio busca integrar a forma de ser de cada pessoa, constituindo a identidade daquele sujeito.

A experiência de ócio é uma experiência subjetiva, bem como a experiência estética e as experiências nos processos de fotografar, porquanto vivenciadas por um sujeito. Quanto mais o sujeito tem a sua subjetividade fortalecida, mais intensa e prazerosa poderá ser a vivência dessas experiências.

A ideia deparada no trecho seguinte, reporta-se a experiências que podem ser denominadas ócio, como reviver a prática quantas vezes quiser e possibilitar que outras pessoas também a vivam mediante a imagem gerada. Então, enquanto são vividas e revividas, ao mesmo tempo acontece a resignificação dessas experiências.

Na minha primeira viagem de avião, lá, a 10.000 metros de altura, olhando aquela asa, me veio a ideia instintivamente. Não sei como, peguei a câmera, olhei através do visor, vi o retângulo ali, enquadrando a asa e, ali, bati minha primeira foto. E já fiquei fascinado com a possibilidade de poder reviver a experiência olhando a foto e de eu poder mostrar aqui-
lo pra alguém e poder reviver quantas vezes eu quisesse, porque estava capturando aquela imagem, fixando-a no filme. E até duvidei. Será que vai funcionar? Será que vou poder mesmo ter essa asa depois pra mostrar? (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

Os processos de fotografar permitem que tanto o fotógrafo como outras pessoas possam vivenciar uma experiência e resignificá-la muitas vezes e em diversas situações. O fotógrafo tira a foto a partir de uma atitude livre e voluntária durante uma experiência vivenciada de contemplação de algo que o tocou sensivelmente. Ao editar a foto e ao contemplá-la posteriormente, ele pode reviver mentalmente a experiência, às vezes vivenciar uma outra até com maior intensidade do que na vez primeira. Depois, ao mostrar a foto em exposições e livros e contemplá-la novamente, mais uma vez pode resignificar a experiência. Outras pessoas que vivenciaram experiências semelhantes às mostradas na foto, ou que viveram ou conhecem aquele lugar que ela mostra, podem passar por experiências similares. E, cada vez que isso acontece, o sujeito pode resignificar o acontecido e vivenciar com maior intensidade cada nova experiência.

A fala seguinte ressalta a relação do sujeito com o que ele faz e a importância da experiência sobre tudo, sentindo o prazer de fruir intensamente uma experiência, o que é muito mais importante do que o resultado.

Em viagens ao exterior, você fica atento a tudo o que é diferente; você vai ao jardim, as plantas são diferentes, as folhas são diferentes; sai à rua, as fachadas das casas são diferentes, os carros, tudo chama atenção e você fica antenado, ligado...Então, se eu tinha um instrumento com o qual eu podia registrar esse delírio, eu delirei completamente. (Reprodução da fala do fotógrafo na entrevista para a pesquisa).

A prática descrita nos processos de fotografar exprime características da experiência de ócio quando o sujeito pesquisado deixa transparecer a atenção ao diferente, fica "antenado" e destaca a fruição da experiência vivenciada, atento a tudo o que ocorre.

Tal aspecto da fruição se aproxima do que Cabeza (2004) destaca sobre o fim em si mesmo que qualifica o ócio autotético: "as experiências de ócio nos situam num âmbito que não está dominado pelo dever ou pela obrigação, mas pelas ações com finalidade em si mesmas e por si mesmas" (CABEZA, 2008, p. 42). Nesse quesito, segundo Arroyabe (2008) a experiência de ócio estético proporciona prazer numa gradação que vai do simples agrado ao prazer de grande intensidade.

CONCLUSÃO

Com suporte nas reflexões aqui enumeradas, infere-se que a experiência de ócio estético está relacionada ao papel que a experiência estética exerce na vida ordinária do sujeito e nas características humanistas que ela traz: voluntariedade, liberdade de escolha e autotelismo.

Também se evidenciam diferentes aspectos da experiência de ócio estético apontada por Arroyabe (2008) tais como: 1) o inusitado ou admiração como ponto de partida da experiência; 2) a consciência da experiência e contemplação; 3) o discernimento individual e capacidade para distinguir; 4) a participação cocriadora; a compreensão; e 6) a fruição.

Com suporte nos marcos característicos do ócio estético é válido inferir que o fotógrafo, sujeito deste estudo, destacou várias ideias que podem ser relacionadas com experiências de ócio estético. Dentre as que se exibem neste trabalho, restam evidenciadas aquelas com vínculos a componentes como práxis fotográfica, lugar, tempo, estética, atitude, sociabilidade, aprendizagem, motivação, contemplação, subjetividade, ressignificação da experiência e fruição.

A investigação permitiu constatar que tais experiências, para o sujeito da pesquisa, constituem-se experiências de contemplação e de atitude de criação, tomando a beleza como horizonte e gerando grande prazer de fruição.

Pode-se, portanto, inferir que se confirmou o pressuposto inicial deste estudo: a possibilidade das práticas vivenciadas por esse fotógrafo nos processos de fotografar se caracterizarem como experiências de ócio estético. Ele externou a ideia de que as experiências vivenciadas nos processos de fotografar contribuem para uma vida satisfatória e para a qualidade de viver. Nesse percurso, detectou-se a importância dessas experiências como modificadoras da sua forma de viver, incluindo a própria habitação em meio à natureza, tendo a qualidade de vida como preocupação maior.

The shooting experience as the possibility of aesthetic leisure experience

Abstract: The objective of this research is to identify data in an expert photograph report that indicated the possibility of aesthetic leisure experience in the shooting processes. This work results from a qualitative, exploratory and descriptive investigation based on a case study of the experiences of a photographer. The research had aesthetic leisure and shooting as theoretical frameworks. A dialogue between the approaches of aesthetic leisure and shooting allowed concluding that experiences lived in the process of shooting enlarge the possibilities of aesthetic leisure experiences. In the case of the research subject, the most intense experiences in the shooting processes happened to be contemplation experiences, and creative acts, by taking beauty as a horizon, which caused a great pleasure of enjoyment.

Keywords: Aesthetics. Case studies. Photography. Experience. Quality of life.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, J. *José Albano: 40 anos de fotografia*. Fortaleza: Terra da luz editorial, 2009.
- ARROYABE, M. L. A. F. de. Benefícios de la experiencia de ocio estético. *Revista mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, vol. 9, n. 2, p. 397-432, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200003>. Acesso em: 24 nov. 2017.
- ARROYABE, M. L. A. F. de. *El arte como vivencia de ocio*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2000.
- ARROYABE, M. L. A. F. de. Experiencias de ocio estético: el gozo de la sensibilidad, de la inteligencia y de la consciencia. *Cuadernos de Estudios de Ocio*, 10. Formación Permanente. Bilbao: Universidad de Deusto, 2010. Disponível em: <<http://socialesyhumanas.deusto.es/cs/Satellite/socialesyhumanas/es/instituto-estudios-ocio/catedras-de-investigacion/catedrade-ocio-y-conocimiento/recursos/recursos/generico?idPest=6>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

ARROYABE, M. L. A. F. de. La experiencia de ocio estético. In: SANCHEZ, Maria Jesús Monteagudo. *La experiencia de ocio: una mirada científica desde los estudios de ocio*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2008. p. 111-135.

BAPTISTA, M. M. Ócio, temporalidade e existência: uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggerianas. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, v. 1, n. 2, p. 173-182, 2013. Disponível em: < <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/40/58>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

BAUMGARTEN, A. G. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Tradução Mirian Sutter Medeiros. Petrópolis: Vozes, 1993.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

CABEZA, M. C. Aproximación al ocio valioso. *Revista brasileira de estudos do lazer*, v. 1, n. 1, p. 21-41, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/issue/view/32>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

CABEZA, M. C. Ócio humanista. In: CABEZA, M. C.; MARTINS, J. C. de O. (Orgs.). *Ócio para viver no século XXI*. Fortaleza: As Musas, 2008. p. 33-55.

CABEZA, M. C. *Pedagogía del ocio: modelos y propuestas*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2004.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Fluir (flow): una psicología de la felicidad*. Barcelona: Editorial Kairós, 2005.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LÓPEZ QUINTÁS, A. *Estética de la creatividad*. Madrid: Cátedra, 1977.

LÓPEZ QUINTÁS, A. *Estética*. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1992.

LÓPEZ QUINTÁS, A. *La experiencia estética y su poder formativo*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2010.

MARTINS, J. C. de O. Tempo livre, ócio e lazer: sobre palavras, conceitos e experiências. In: MARTINS, J. C. de O.; BAPTISTA, M. M. (Orgs.). *O ócio nas culturas contemporâneas: teorias e novas perspectivas em investigação*. Coimbra: Grácio, 2013. p. 11-22.

MUNNÉ, F. *Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico*. México: Editorial Trillas, 1990.

NEULINGER, J. *The psychology of leisure*. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, 1981.

QUIROGA, C. *Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da metodologia no serviço social*. São Paulo: Cortez, 1991.

RHODEN, I. Ócio construtivo e o desenvolvimento humano. In: CABEZA, M. C.; MARTINS, J. C. de O. (Orgs.). *Ócio para viver no século XXI*. Fortaleza: As Musas, 2008. p. 57-78.

SALIS, V. D. *Ócio criador, trabalho e saúde: lições da antiguidade para a conquista de uma vida mais plena em nossos dias*. São Paulo: Claridade, 2004.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STEBBINS, R. A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. *Revista brasileira de estudos do lazer*, v. 1, n. 1, p. 42-56, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/331>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

TÔRRES, J. J. M. *Significados da experiência de fotografar sob a perspectiva da teoria da complexidade*. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2014.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 3, p. 507-514, jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000300025>. Acesso em: 24 nov. 2017.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em maio de 2017
Aprovado em outubro de 2017